

## NOVAS FIGURAS DA SOCIEDADE EM REDE

---

*New figures of the network society*

*Nova figuras de la sociedad de las rede*

---

### Georges Bertin

Pesquisador em Sociologia, doutor em Ciências da Educação. É coordenador de pesquisa no CNAM Pays-de-la-Loire. Membro do GRÉCO CRI, grupo de pesquisa sobre o Imaginário. Coordenador em Angers e em Le Mans do Círculo de Pesquisas Antropológicas sobre o Imaginário - CRAI. Diretor executivo da revista internacional de sociologia *Esprit critique*.  
 Email: [georges.bertin49@gmail.com](mailto:georges.bertin49@gmail.com)

---

### Resumo

Na sociedade das redes tudo gira em torno do registro do que é (quando as redes numéricas veiculam, entre as pessoas, histórias individuais, pessoas, representações, lembranças) ou assimila experiências existenciais do que pode ser. Confrontando isto ao registro duplo da tribalização do mundo e da transculturalidade, procuramos explorar as formas através das quais se dá essa socialização. Um exemplo de rede constituída no âmbito de uma pesquisa-ação vem ilustrar o nosso propósito.

**Palavras-chave:** Intercultural. Transcultural. Redes. Tribalização.

### Abstract

In the network society everything revolves around the register of what is (when digital networks share, among users, individual stories, people, representations, memories) or assimilates existential experiences of what can be. Confronting this to the double register of world tribalization and transculturality, we seek to understand through which ways this socialization is given. An example of a network built on the basis of the research-action methodology is used to illustrate our purpose.

**Key words:** Intercultural. Transcultural. Network. Tribalization.

### Resumen

En la sociedad de las redes todo gira en torno al registro del que es (cuando las redes numéricas veiculam, entre las personas, historias individuales, personas, representaciones, recuerdos) o asimila experiencias existenciais del que puede ser. Confrontando esto al registro doble de la tribalización del mundo y de la transculturalidade, buscamos explorar las formas a través de las cuales ocurre esa socialización. Un ejemplo de red constituída en el ámbito de una investigación-acción viene a ilustrar nuestro propósito.

**Palabras-clave:** Intercultural. Transcultural. Redes. Tribalización.

“We are cultural hybrids”

Wolfgang Welsch, 1992

## Introdução

Em um artigo intitulado “*Brésil, Arts populaires*” publicado em 2008, pela revista *Internationale de l’Imaginaire* (2008, p. 64), Jean Duvignaud apresenta o Brasil como uma das raras regiões do mundo onde o passado é contemporâneo de um presente sempre renovado e onde a imaginação está associada à percepção comum. “Tudo o que se faz, tudo o que se vive nesse país define um país imaginário onde tudo parece possível, estruturado por uma energia comum”.

Parece-nos, hoje e agora, que a Sociedade em rede, que se forma sob nossos olhos, também corresponde a essa definição, e pode ser lida em termos próximos. Tudo nela gira em torno, de fato, do registro:

o Do que é (quando as redes digitais veiculam entre as pessoas histórias individuais, representações, lembranças...) ou do que assimila experiências existenciais (como constatamos ao observar o que se compartilha, por exemplo, na web, a respeito dos Caminhos de Santiago de Compostela<sup>1</sup>),

o Do que pode ser (quando recursos iconográficos do espaço virtual são solicitados ao redor do mundo em um balé barroco e criativo).

A “Sociedade Mundo” onde supostamente vivemos não é simplesmente, como observou Simmel (1989), um conjunto de indivíduos socializados, mas articula as formas racionais nas quais esses indivíduos se reconhecem e as relações e formas pelas quais se socializam. É o caso das redes que

<sup>1</sup> 695000 entradas em setembro 2013 para as ocorrências ligadas a essa experiência em francês na internet, 494000 em espanhol, 76000 em português, 250000 em inglês, etc.

contribuem para nos diferenciar, enquanto seres sociais, das sociedades que nos precederam. E desse ponto de vista, elas constituem um novo tipo de sociabilidade.

Parece-nos que a transculturalidade é uma das marcas dessa sociedade global, pois ela é justamente uma outra forma de conceber as culturas, não mais como ilhas distintas, mas como redes interativas de sentidos e práticas.

Depois de fazer transparecer novamente a emergência dessa noção e suas implicações sociais que, para nós, ultrapassa a noção de intercultural até aqui quase aceita, tentaremos entreabrir uma porta sobre a compreensão da sociedade de comunicação em redes. Como ilustração, trataremos de um exemplo obtido através de uma pesquisa-ação realizada por nós, em torno de uma comunidade virtual constituída sobre o mito de Avalon.

## I. Do intercultural ao transcultural

É difícil pensar o conceito de Cultura, que se processa nas sociedades, mas não deve ser confundida com elas (assim como a cultura cristã é diferente das Igrejas que a veiculam) já que esta visa à universalidade, manifestando-se apenas no contingente. Isto lhe confere uma capacidade de heterogeneidade (DELEUZE e GUATTARI, 1991) como forma de coincidência, de condensação e de acumulação.

A partir daí, a questão do intercultural permanece ambígua: como, por exemplo, encorajar o pluralismo cultural numa dada sociedade e, ao mesmo tempo, desenvolver um sentimento de pertença – e sabemos que muitas políticas falharam nisto, entre a assimilação e a simples justaposição de culturas comunitárias diferentes? Veremos que ambas podem aspirar à interculturalidade, esta última supondo apenas relações recíprocas entre dois tipos de posições que continuam separadas, seja na dependência negociada, seja em um sistema de interferências que permite a cada cultura manter sua postura principal ou inicial. De certa forma, ambas admitem uma escolha de homogeneização de cada cultura.

A Modernidade se acomodou bem com esse modelo, Modernidade reconhecadora, após o tempo das Grandes

Descobertas que também fora o tempo das Grandes Invasões, de diferenças culturais notórias, por exemplo na forma de representar o tempo e o espaço. Isto chegou a justificar várias subjugações e pode ser observado em discursos políticos recentes, por exemplo sobre a suposta incapacidade dos africanos de se situarem na História. O fundamento da Modernidade sendo a civilização da escrita e do livro, os mecanismos culturais modernos de base são certamente o recurso ao alfabeto, que nos ensinou a reduzir os fenômenos a unidades, cada cultura sendo, de certa forma, no “concerto das nações”, um elemento constitutivo de base. Por outro lado, a convergência cultural da sociedade de consumo, mesmo tendo em vista a homogeneidade, origina também uma dinâmica segregativa. Recuperando, para dele melhor se apropriar, este ou aquele elemento cultural, a sociedade de consumo se dá o alibi de reconhecê-lo. Philippe Engelhard (2012) insiste com razão, no fato de que as mudanças tecnológicas reforçam particularidades e dissidências, e portanto não alcançam a Modernidade. Da mesma forma, o livre-cambismo não conduz necessariamente à mestiçagem, mas à justaposição de culturas; as culturas dominadas ou minoritárias sendo sempre subjugadas no sentido de uma homogeneização generalizada, mercantilizada, e submissa à injunção do progresso, o que implica numa hierarquia entre as culturas, inclusive na reivindicação da interculturalidade.

A coisa é diferente no que diz respeito à transculturalidade<sup>2</sup>, conceito que não é completamente novo, podendo ser observado por exemplo no império Romano, na diáspora judaica, no panceltismo, etc. Nesse sentido, Philippe Engelhard (idem) evidencia que a globalização que a suporta começa a partir do momento em que o homem decide se locomover dentro do planeta.

Ela aparece, precisamente, hoje em dia, de forma pregnante na cena mundial, no momento em que as formas de pensamento se rompem e quando a escrita não está mais em posição hegemônica nos mecanismos de apropriação cultural. Nos lugares onde as sociedades modernas existiam em

<sup>2</sup> Para Wolfgang Welsch, é o conceito mais adequado hoje para definir a cultura in *Spaces of Culture: City, Nation, World*, London: Sage, 1999, 194-213.

sistemas que reivindicavam, em comum, um conjunto de ideias sobre a natureza humana, a importância respectiva das diferentes faculdades, sobre os direitos e deveres, etc., passar a uma posição transcultural consiste em admitir transferências, trocas, transações, negociações e concessões recíprocas<sup>3</sup> e, mais além, hibridez assumida. Nos lugares onde a Modernidade criava fronteiras e concessões, as sociedades pós modernas trilham vias, organizam passagens, e seus atores, como havia percebido Simmel (1989), se percebem “enquanto passantes e se pensam enquanto passadores.” A ponte é o ponto de passagem no qual o homem é esse “ser fronteira que não tem fronteiras” (MAFFESOLI, 1997), e os antagonismos suscitados por essa posição radicalmente outra geram uma tensão criativa fonte de vida, motor de socialização e impulso do pensamento (LAPIERRE, 2000).

Pois, onde a Modernidade assentava as Culturas em terrenos conhecidos e territórios inventariados, binarizava e dualizava as relações interculturais, frequentemente sobre a base de imaginários nacionais, a posição transcultural constatada que o Outro está em nós e que nós somos o Outro. Aqui a relação transcultural se faz hibridez, “changeability and uncertainty” e nos leva a imaginar laços abertos, fluidos, líquidos (VAN SAYEK, 2011).

Ela se exerce simultaneamente no nível macrocultural e microcultural (WELSCH, Op. Cit.). Aqui a posição híbrida não pode ser vista como uma marca desvalorizada ou denegrida das outras culturas, mas parte interessada de um tecido de culturas com toda a força de contestação social que ela implica, inscrita num imaginário radical, ou seja que se grava nas raízes da humanidade. Ao mesmo tempo, ela contém a possibilidade de transcender nossos determinismos monoculturais.

O que esta posição tem de surpreendente, é que ela permite dar continuidade, por exemplo, a um tipo de neo-medievalismo; ou, ao menos, estabelecer correspondências culturais entre os mitos mais antigos no seio da Arqué e sua

<sup>3</sup> Engelhard (2012) insiste no fato de que a rede é uma metáfora enganosa e que apenas micro-elementos estariam em interação enganosa, contestando a partir daí a ideia de aldeia global. Veremos que a nossa posição, sem negar as objeções que implica, é mais utópica, como tentamos ilustrar aqui.

atualização na nossa contemporaneidade, tudo isto amplificado pela comunicação em rede. Vemos múltiplos exemplos, inclusive o que apresentaremos abaixo<sup>4</sup>.

Assim, para Florence Plet-Nicolas, a “neo Idade Média” é uma questão de espaço tanto quanto de tempo, quer se trate de espaços reais (castelos restaurados ou reconstituídos, cidades medievais evidenciadas através de festas e jogos, museus) ou de espaços fictícios (“subcriação” segundo Tolkien, cartografia de jogos de interpretação e de histórias em quadrinhos, espaços virtuais de videogames). Dentre os períodos históricos, a Idade Média constitui, talvez mais que os outros, um “outro lugar” mais que um “outro tempo”, ao mesmo tempo em que é nossa vizinha imediata: o terreno privilegiado da busca, no qual o movimento centrífugo em direção à aventura é indissociável do movimento centrípeta da busca interior. A autora afirma ainda que a circulação entre os territórios “marginais” e seu “centro” deve ser definida, quer seja pelo romper das fronteiras internas do mundo fictício quer seja por aquele das fronteiras entre o mundo real e a ficção (PLET-NICOLAS, s/data).

Pois a “transculturalidade”<sup>5</sup> não existe somente entre

4 Como a associação universitária « Modernités médiévales » [Modernidades medievais] que tem por objetivo, desde 2004, promover manifestações universitárias, e mais amplamente culturais, acerca do *revival* do medieval, de sua reescritura e de suas representações, essencialmente nos séculos XIX, XX e XXI (da recepção romântica, simbolista ou moderna, passando pelo *fantasy* e a literatura juvenil). Ela federa uma **rede flexível** de atores culturais e criadores que se interessam pelas ressonâncias medievais no mundo contemporâneo: leitores, pesquisadores, ilustradores, editores, romancistas. Local de convergência de trabalhos científicos, cada vez mais numerosos, a cerca do “medievalismo” na França. Ela contribui a interagir e a teorizar essa noção problemática, em parceria com a pesquisa europeia e americana mais recente.

5 A emergência da noção de *transculturalidade* está ligada à explosão do “mercado de identidades”, ao renascimento das identidades comunitárias, étnicas, culturais e religiosas em sua diversidade. Vemos aparecer simultaneamente uma literatura, tanto científica quanto literária, que trata, indiretamente ou não, da transculturalidade. Ver inclusive os trabalhos do Centre d’Etudes Transculturales de l’Université d’Heidelberg: os intercâmbios transculturais não são adquiridos nem globalizados, mas estão em movimento constante e mediados por diferentes espaços e tempos. Na verdade, é a dinâmica de intercâmbios que para eles cria globalização, mas ela nunca é adquirida. Ela é então simultaneamente signo de fluidez de câmbios, mestiçagens, hibrididade, mudança e incerteza, já que é movimento. Ela entra, assim, em acordo com os movimentos cósmicos tais como as descobertas contemporâneas da física nos aprenderam a ver o mundo. Ela se opõe a uma leitura estável da vida social da Ciência e da mística, a qual marcou nossas consciências até aqui.

culturas “exóticas” ou extra europeias e culturas ocidentais, ela está em ato nas sociedades contemporâneas confrontadas com suas próprias tradições.

A história da Europa não é, de fato, a história de uma só cultura, mas a de várias culturas (indo-europeia, megalítica, judaico-cristã, grega, celta, romana, oriental, nórdica, germânica) que se cruzaram “transculturalmente” com outras e cujas transferências culturais tiveram vários agentes: étnicos, sociais, religiosos, profissionais, econômicos, demográficos, de acordo com o jogo das diferentes migrações das quais esta pequena península da Ásia se beneficiou. Isto teve influências consideráveis na sua história e no desenvolvimento de sua cultura, sem, todavia, impedir a exclusão em relação a esta ou aquela cultura: pogroms anti-judeus, racismo anti-italianos, em seguida anti-árabes, etc.

Ainda assim, alguns espaços eram mais propícios que outros às transferências culturais, como mosteiros<sup>6</sup> e instituições religiosas, universidades, portos e grandes cidades, devido à mobilidade profissional e aos intercâmbios. Hoje, as iniciativas de intercâmbios universitários e escolares e os programas europeus ainda têm esse papel.

Estamos, portanto, frente à frente com o que Edgar Morin chama de Globalização plural (2002). E ele afirma: “existem múltiplas correntes transculturais, que irrigam as culturas e simultaneamente as ultrapassam e que constituem uma quase cultura planetária: mestiçagens, hibridações, personalidades biculturais, ou cosmopolitas que enriquecem sem parar essa vida transcultural. Ao longo do século XX, a mídia produziu, difundiu e fermentou um folclore mundial a partir de temas originais vindos de culturas diferentes, podendo ser renovadas ou sincretizadas” : o jazz, o rythm and blues, a difusão mundial de rock, o rap, a world music são alguns exemplos. Assim, a transculturalidade constitui-se em redes; numa espécie de teia de múltiplas malhas, uma tecelagem na qual nossos destinos são decididos, e que os inclui. Ela não escapa, portanto, da manipulação do mercado

6 Ficamos surpresos, ao visitar, no caminho de Compostella, uma abadia cisterciense das Astúrias (San Salvador de Valdedios) quando descobrimos numerosos testemunhos culturais e até botânicos como provas dos intercâmbios culturais desta abadia com o mundo inteiro, e isto desde pelo menos o século XII.

e de todas as formas de recuperação por vezes até totalitárias. Porém, a multiplicidade dos seus pontos de acesso faz potencialmente com que, se não o desvio, ao menos a escapatória seja possível.

## II. A Sociedade em rede e a Galáxia Internet<sup>7</sup>

A sociedade em rede encarnaria então essa globalização<sup>8</sup>, da qual ela é um efeito patente, que também produz a uniformização sob o impulso do consumo de massa tecnificado das redes digitais. Mal compreendemos se ela produz mudanças sociais ou se ela as induz. Numa perspectiva sistêmica, a comunicação que se estabelece é com certeza marcada, como mostrou Watzlawick (1972), por interações simultaneamente simétricas e complementares que continuam sem dúvida ambíguas.

Se a Terra se tornou uma “aldeia global”, nela se desenvolveria, segundo a análise de Manuel Castells (1999, p. 14), “uma cultura da virtualidade real, instalada num universo audiovisual cada vez mais interativo, [que] penetra as representações e a comunicação mental no mundo inteiro, integrando a diversidade de culturas num hipertexto eletrônico”.

De fato, para Castells, **um novo mundo está nascendo** na coincidência de três processos independentes, porém interativos, sobre os quais repousa a sociedade em rede:

- A revolução informática,
- As crises paralelas do capitalismo e do estadismo,
- O impulso dos movimentos culturais e societários.

A Globalização produziria então a revolução digital que a produziria igualmente, e ela permitiria também o desenvolvimento do processo do que é chamado de “inteligência coletiva”, que se desenvolve às vezes em detrimento do pensamento crítico. É o tema predileto de Triki (2011) do exílio do homem moderno em uma crise generalizada da presença.

7 Títulos tomados das obras de Manuel Castells (1988 e 2001).

8 Philippe Engelhard contesta essa noção, a globalização sendo, para ele, uma constante da humanidade desde a emergência do homo erectus e suas primeiras vagueações. Utilizamos esse termo no sentido social atual.

Resta avaliar, como indica Engelhard<sup>9</sup>, o que é produzido pela assimilação de inteligências individuais e o que emana do coletivo. O debate está longe de estar concluído e merece a posição que lhe é dada.

Portanto, do lado otimista ou utopista, a Terra teria se tornado uma aldeia global de elementos entrelaçados. Nós de relação são criados sem precedentes na história da humanidade, relações interdependentes marcadas pela instantaneidade. Talvez resida aí a fraqueza desse novo sistema de comunicação, taxado de efêmero. Nietzsche tinha, inclusive, antecipado isto em sua crítica do jornalismo, que dizia ser “o mestre do instante” e opunha ao Gênio e ao Guia, que, justamente, liberam o ser humano do instante.

De fato, se a sociedade em redes midiáticas existe, ela põe em risco uma cultura instituída massivamente pela economia de produção determinando imaginários e modas e tendendo a obscurecer as vias do julgamento. Daí a necessidade de se ligar e se desligar, separação e ligação constituindo um mesmo eixo de estrutura, como descreveu Michel Maffesoli (op. cit. p. 72), na busca da estabilidade das coisas e ao mesmo tempo, no desejo de movimento, na busca pela novidade do sentir, livrando-se do que está estabelecido.

Assim, cria-se sob nossos olhos, induzido pelas redes, simultaneamente vetores e produtoras, e sobretudo aceleradoras, um regime societário incluído sob o signo da transculturalidade. Esta procede de um conjunto de transmutações constantes. Criadora e nunca terminada, ela é irreversível, induzindo processos nos quais cada um pode estabelecer trocas de forma não separada e não exclusiva. Emerge uma nova realidade em mosaico, fenômeno original e independente.

### “A mensagem é a rede”.

Para Castells, o amadurecimento da era informativa libera potencialidades, penetrando todos os territórios e todas as culturas quando a mensagem se torna a rede em si. Flexíveis

9 Engelhard, P. nota ao autor deste artigo, em 21 setembro de 2013 : « eu não encontrei, diz ele, uma só grande descoberta ou invenção que tenha sido coletiva”.

e adaptáveis, novos modos de organização extraordinariamente vantajosos nascem. Eles prosperam em um ambiente que muda rapidamente, seu caráter lúdico vem somar-se à eficácia comunicacional. As tecnologias da informação e da comunicação permitem de fato estender a flexibilidade, a adaptabilidade e a Internet: a comunicação “de multidão para multidão” (2002, p. 11). Segundo ele, a sociedade em rede está longe de ser homogênea, pois nela se cruzam redes de produção, de poder e de vida em comum, construindo uma cultura de virtualidade através dos fluxos planetários que atravessam o tempo e o espaço. Abrem-se sob os nossos olhos, potencialmente, novas vias para a mudança social enquanto se afirmam identidades autônomas reconstruindo outros sistemas de relação.

Assim, a criação de novas comunidades virtuais reedifica o laço social, induzindo novos tempos e locais de sociabilidade, sob o arcabouço de laços fracos que Castells (idem) chama de “individualismo em rede”.

Esta posição foi inclusive discutida por Stangi (2011) para quem, retomando as teorias de Mac Luhan que compreendiam a tecnologia como um elemento cultural potente aglutinador, estaríamos hoje transferindo nossa consciência para o mundo digital. Percebendo o mundo pelas tecnologias de comunicação, vemos que essas tecnologias são realmente parte de nossa consciência, que constrói o sentido da rede sóciodigital, que se impõe como uma imagem fractal na qual “cada um reflete o todo”. Se nutrimos sentimentos confusos em relação aos nossos artefatos, (o *homo sapiens* também é *homo faber*), não devemos esquecer que viver com artefatos é a própria essência de qualquer cultura. A linguagem tem um papel fundamental que habita nossos fóruns e comunidades, graças aos quais podemos entrar em sintonia. De fato, para Stangi, “sem o outro, não há rede”, o que abre as portas à troca simbólica.

Assim, a tecnologia produz efeitos aglutinadores. Em nossas errâncias virtuais, ela é constitutiva de um hipercórtex (LÉVY, p. 142) que determina um outro universo de comunicação cultural. Lévy insiste no fato de que essa produção se dá de um modo hermenêutico e multiprodutivista, e Maffesoli insiste sobre uma *religação* que estaria na origem da religiosidade contemporânea (op. cit. p. 165).

É precisamente o que veremos no exemplo a seguir,

resultado de uma pesquisa-ação que nos levou a criar uma rede virtual acerca de um dos mais antigos mitos ocidentais, o mito de Avalon, e a induzir na Internet a constituição de um espaço comunitário virtual *The Actual Avalonians*.

### III. Uma comunidade virtual<sup>10</sup>, o Mito de Avalon e a rede “*The Actual Avalonians*”<sup>11</sup>

Avalon (Afallach) é a ilha das maçãs, o pomar sagrado sempre em flores, local de estadia de heróis celtas, jardim paradisíaco do outro mundo. Foi a esse local, de acordo com o trovador anglo-normando Robert Wace, que Arthur, cansado das batalhas e ferido mortalmente, foi levado para curar seus ferimentos. Os bretões à espera de seu retorno, cantavam: “rex Arturus, rex Futurus”. A maçã é, assim, para os celtas, uma forma de manter contato com o outro mundo, sendo também o instrumento pelo qual os imortais lançam um feitiço sobre os heróis que querem chamar a seu reino. Foi sobre um galho de macieira que Lug apareceu um dia ao rei da Irlanda. O galho ornado por três maçãs é também a insígnia da majestade real.

Na Grã-Bretanha, a Ilha de Avalon fica em Glastonbury (o cemitério escondido gélido ou o brilhante esconderijo luminoso), nome de uma localidade no Somerset inglês, local de uma importante abadia cisterciense na Idade Média. Ela é conhecida por ter sido, na antiga Dumnônia, um dos altos locais do celtismo, residência favorita das fadas, localização do outro mundo.

Duas ideias provêm desse nome, a de gelo, de luz (*glass*) e a de enterro, de esconderijo, de cemitério (*bury*); ambas ligam imediatamente este local, a Ilha de Vidro, à estadia dos mortos e a um universo luminoso e revigorante. Ocupada

<sup>10</sup> Esta parte do artigo foi apresentada na comunicação “*The actual avalonians*, a parte do simbólico em uma comunidade virtual”, em Béziers, em novembro de 2012, no colóquio “Comunicação do simbólico e simbólico da comunicação nas sociedades modernas e pós modernas”. (Laboratório ESACHESS, Université de Toulouse).

<sup>11</sup> Termo a ser compreendido com um duplo sentido da palavra *actual*: verdadeiro (em inglês) e contemporâneo (em francês [e português]).

desde a Idade do Bronze, a cidade deve seu desenvolvimento medieval à Abadia, cujas ruínas ocupam o centro de seu espaço geográfico. Construída primeiramente em madeira no século VI e reformada por São Duncan por volta de 950, torna-se rapidamente uma das mais importantes abadias inglesas devido à propaganda resultante das peregrinações das quais ela é o destino:

- O local é considerado como sagrado desde os tempos megalíticos, e dizem ter sido ocupado por um colégio druídico, nos tempos célticos;
- Foi lá que um discípulo de Cristo, José de Arimatéia, teria trazido e escondido o santo Graal da Terra Santa, o último cálice de Cristo e recipiente de seu Precioso Sangue. Um espinheiro branco que floresce no inverno relembra o local no qual o discípulo teria plantado seu cajado;
- A abadia foi frequentada por santos célebres: Dunstant, David, Patrick, Brigitte;
- Lá, foram encontradas, em 1191, as tumbas do lendário rei Arthur e da rainha Guenièvre, sua esposa, sendo, portanto, juntamente com Tintagel, um dos altos locais arthurianos da Grã-Bretanha;
- Lá, são venerados dois monges irlandeses, Santo Indracht e São Patrick, santos célticos; há igualmente um culto a Santa Bridget (herdeira da deusa pan-céltica, ela teria abandonado na abadia sua bolsa e sua roca de fiar).

No final do século XIX e no início do século XX, personalidades fortes, oriundas inicialmente de círculos privilegiados e em seguida do grande público, vão novamente centrar seu interesse em Avalon por dois motivos:

- O mito do cálice sagrado, ou Graal, sob a forma de um Cálice tem um poder federador, ao mesmo tempo em que encontra um imaginário social latente;
- O revivalismo do sagrado feminino e particularmente do culto da deusa mãe, que parece vir do fundo das eras. Este culto da Grande Deusa (ou *Mother Earth*), qualificado de neo-pagão, embora mais nos pareça sincrético, assiste a uma renovação singular atualmente em Glastonbury, onde ele se estabeleceu, fazendo do local um de seus quartéis gerais, em

torno de uma organização chamada de A Conferência da Deusa [*Goddess Conference*] criada por Kathy Jones, militante do *Motherworld*, sociedade na qual as mães e os valores maternos estão no centro da vida humana.

Hoje, é um centro de movimentos alternativos, que acolhe anualmente um grande festival de música *pop* e numerosas iniciativas de encontros e práticas artísticas que vão no mesmo sentido. Local da Nova Era, é centro de um grande número de comunidades artísticas, terapêuticas, neo-orientais e alternativas.

Nossa pesquisa-ação consistiu, utilizando a rede social Facebook, em verificar a afirmação de Michel Maffesoli que define a Pós-modernidade como uma síntese de arcaísmo e de modernidade digital, utilizando inclusive a plasticidade das redes para criar laço social numa cena mundial onde cristalizações acontecem. Os jogos da proxemia se organizam em nebulosas policêntricas (MAFFESOLI, 1988), por um entrelaçamento de interconexões.

Conhecendo bem o mito de Avalon, ao qual dedicamos diversos trabalhos e sendo visitante regular de Glastonbury há trinta anos, nos pareceu interessante propor, na web, o site denominado “*The Actual Avalonians*”, criado em 1 de Novembro 2010, e analisar o que aconteceu no site em termos de adesões e de trocas. O convite proposto foi um convite em três línguas que pudesse contribuir com uma melhor compreensão e valorização do Mito de Avalon, em todas as suas formas. O resultado realmente nos surpreendeu no que diz respeito à diversidade de recepções.

Nossa pesquisa (em novembro 2012) tratou dos 105 primeiros membros dessa comunidade virtual considerada de forma holística, “mobilizando a correspondência entre esferas diferenciadas” (MAFFESOLI, *ibidem*). Ela não parou de se desenvolver e contava, um ano depois, com 150 membros, eles mesmos em contato com 80.000 pessoas na web que compartilham sua informação. Analisamos igualmente as apresentações e sites de 64 outras redes interconectadas à nossa.

**Perfil dos membros:** são sacerdotes, formadores ou educadores, religiosos, terapeutas, funcionários, pesquisadores, artistas, jornalistas, guias turísticos, secretários, funcionários, etc. Seus países de residência são: Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Espanha, França,

Irlanda, Marrocos, México, Países Baixos, Portugal, Romênia, Suécia, Turquia, Reino Unido, EUA, Venezuela.

Observamos uma participação acentuada do mundo anglo-saxão, o que corresponde aos interesses mitológicos das pessoas do Reino Unido e de sua diáspora, já que o mito de Avalon está bem ancorado no imaginário britânico com um lugar bem identificado, Glastonbury, de onde provêm a maior parte dos membros do Reino Unido e de seus avatares extra-atlânticos, o local se unindo aqui ao universal. O conjunto constitui um vai-e-volta permanente entre as tribos afiliadas e a massa.

Esse perfil é bastante similar ao perfil médio do “New Ager” descrito pela literatura sociológica (KEMP, 2004), sua adesão aos movimentos observados validando as investigações de David Kemp, para quem a adesão ao NA [New Age] se manifesta em duas etapas para o usuário:

- Uma base individual: narcisismo, *selfreligion*, e isto a partir de uma experiência espiritual pessoal que vai dar sentido à sua vida, por vezes contando com a influência de guias ou mestres;
- Uma necessidade comunitária exprimida: insatisfação com as normas tradicionais, busca por práticas alternativas e terapêuticas que contribuem para um ser melhor: “*se vocês trabalharem com a deusa certos aspectos precisos, alguma coisa resultará*” (STARHAWK, 1997).

O N.A. típico tem 36 anos ou mais, é uma mulher 52% das vezes, provavelmente um colarinho branco, bem educado, de meio próspero; opondo-se à burocracia e ao complexo militar industrial, ele se lança nas estruturas comunitárias e sociais. Ele vem das seguintes profissões: Terapeutas: 20%, Aposentados: 13%, Estudantes: 12%, Funcionários assalariados: 12%, Assistentes sociais: 7%, Donas de casa: 6%.

Os temas recorrentes constatados entre os Avalonianos são: o pacifismo, a libertação da mulher, a contracultura, a abertura moral da sociedade, a libertação dos costumes (neo reichianismo), a expansão corporal, a renovação espiritual vivida sincreticamente.

Livres das formas institucionais dos cultos instituídos

sobre a base de interpretações sincréticas de sua relação com o além, seus membros manifestam sua adesão no plano individual e grupal, em microcomunidades. Eles manipulam símbolos intercambiáveis e fluidos em sua eficácia funcional. Sua adesão à sociedade em rede se estabelece sobre uma base técnica pelo uso cotidiano da Internet, pelos acoplamentos da rede *Web* com a TV, pela difusão de músicas e manifestações de tipo festivo. Seu meio de acesso é consumerista e as formações oferecidas são residenciais ou à distância, os dois estando frequentemente unidos a informativos e panfletos diversos.

As cerimônias compartilhadas na Internet são procissões e cortejos, cultos naturais, com um lugar reservado aos rituais de partilha de tipo iniciático ou convivial. A relação ao tempo é frequentemente diferente (ex. do uso de calendários célticos) e os códigos de vestimenta ou de reunião igualmente definidos em ruptura com os códigos funcionais urbanos.

Os rituais de funcionamento dessas comunidades são o objeto de limitações bem definidas por uma relação arcaica/tecnológica contraditória e, na maior parte do tempo, explicitada em folhetos de informação e/ou de reflexão. O uso de moedas alternativas e de trocas de serviços é igualmente compartilhado pelas redes que estudamos. A paixão de criar em comunidade é um marco frequente.

Dessa forma, *The Actual Avalonians* recupera o religioso ondulante, misturando esoterismo e religiões antigas, tradicionais ou extraeuropeias (por ex.: puritanismo, wicca, zen, neo celtismo, astrologia, yoga, paganismo). Recorrer ao sensível e retornar ao imanente são práticas majoritárias, com fortes implicações terapêuticas e de desenvolvimento pessoal.

A consciência do “nós” está fortemente presente e a valorização da relação interpessoal, muito viva nessas organizações entre identificações múltiplas e situações enraizadas.

#### IV. Considerações finais

Convém agora analisar se esse site experimental, hoje bem vivo, corresponde aos conceitos de *Neo Tribalismo* e de *Transculturalidade* tais quais definidos acima.

Constatamos no site, em primeiro lugar, uma forte agregação social, constituída de apropriações e entrecruzamentos múltiplos, incluindo-o no seio de uma “rede de redes” pela correspondência ativa entre áreas diferenciadas, a partir da reatualização de um mito antigo. O que vemos aqui está incluído no contexto do neo tribalismo descrito por Michel Maffesoli (1988).

A questão do transcultural é pregnante nas mensagens dos membros da rede. Observamos, de fato, entre as sessenta organizações virtuais associadas, a emergência da cooperação tendo em vista uma comunização das energias (por exemplo entre os neo arturianos franceses e ingleses).

Assim, a multiplicidade das experiências compartilhadas no site exige confiança, ajuda mútua e cooperações horizontais, contrárias às instituições piramidais atuais, muito frequentemente vividas como atentado à liberdade. Ou seja, a dimensão política, no sentido moderno do termo, é posta de lado, e as instituições são ignoradas ou contornadas.

O desenvolvimento do pensamento midiático, identificado igualmente nos intercâmbios, ocorre sobre a base de um fundamento ético e de convicções compartilhadas. A formação de redes parece constituir uma fonte de potência societária ou uma agregação social constituída de apropriações e entrecruzamentos múltiplos. A transculturalidade, longe de ser vivida como uma dificuldade, é fonte de enriquecimentos, de descentralização de pontos de vista, pelo compartilhamento de experiências e pela correspondência entre áreas diferenciadas, por exemplo entre comunidades terapêuticas e educativas, etc.

Se essa comunidade neo-avaloniana pode ser criada tão facilmente no espaço da web, é também porque o mito celebrado é forte e estruturante. Ele é a base arcaica dessa realização e permite a aglutinação de seus membros.

O navegar na *web* tem aqui um papel de um potente adjunto à atração federativa. Enquanto fenômeno e atitude social, ele é a “expressão do desligamento, do sentido trágico, da busca espiritual característica da nossa época.” (MAFFESOLI, op. cit. p. 172) Ele parece, de qualquer forma, ser o objetivo de um grande número de nossos concidadãos da “Aldeia Mundo”, todos os membros interconectados se sentindo em uma relação de proximidade real, mesmo

estando às vezes muito distantes e sem que seja necessária uma “regulamentação interior”.

Estamos aqui em um contexto de *ad hoc* tal qual descrita por Yvon Presqueux (2012), que é o feito de um “ambiente complexo e evolutivo e compreendendo tecnologias de ponta e mudanças frequentes de produtos e serviços e de projetos de duração limitada”.

A figura de Hermes Trismegisto, o passador, é atuante aqui: Hermes cria, entre o céu e a terra, entre espaços virtuais e leitos de vida, colaborações “alquímicas” com o objetivo explícito de conjunção dos contrários.

Parece de fato “além ou no oco das aparências” que os membros da rede se apropriaram disto para tentar acelerar a história, passando da Antiguidade e da Idade Média ao século 21 em um projeto de maestria de suas temporalidades próprias e singulares, e isso graças ao uso da função transcendental do espaço, aqui virtual.

*“Tudo que está embaixo é como o que está em cima. E tudo que está em cima é como o que está embaixo, para realizar os milagres de uma só coisa... Ele ascende da terra ao céu, e desce de volta para a terra, e recebe a força das coisas de cima e de baixo. Assim, você terá a glória do mundo inteiro. E é por isso que toda a escuridão fugirá de você. Aqui está a energia forte de todas as energias, que vencerá todas as coisas sutis e penetrará todas as coisas sólidas”.*<sup>12</sup>

Esse texto, escrito em Nuremberg em 1541, evoca particularmente bem as constatações feitas sobre as realizações transculturais das redes contemporâneas, tal como o que apresentamos aqui. De Avalon a Hermes, se trata de fato de passagens entre mundos distantes.

Esta rede é o local, como descreveu Gilbert Durand, do desdobramento de uma imaginação criadora compartilhada e coletiva, “ordenança do ser às ordens do melhor [...] onde o

<sup>12</sup> A Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto, ver Faivre Antoine, D'Hermès-Mercure à Hermès Trismégiste: au confluent du mythe et du mythique dans Présences d'Hermès Trismégiste, Albin Michel, coll. « Cahiers de l'Hermétisme », 1988.

espaço foi descoberto como a forma a priori da criatividade espiritual e da maestria do espírito sobre a alma do mundo” (DURAND, 1985, p. 499).

Como o rei Arthur, cansado dos combates, sendo levado para curar seus ferimentos à Ilha de Avalon de onde ele voltará para estender o reino da fraternidade sobre a terra, a comunidade virtual é, sem dúvidas, para muitos de seus membros, um local de busca do suplemento da alma que falta em muitas de nossas organizações herdadas dos séculos mecânicos.

A viagem no imaginário mítico ao qual convida essa rede leva seus membros a um local de lugar nenhum (utopia), o de uma transculturalidade vivida como *Whole Earth conspiracy*. “Utopia hoje, verdade amanhã”, escrevia Victor Hugo.

#### Referências

BERTIN G. & GUILLAUD, L (2011). Les Imaginaires du Nouveau Monde ( co-dir.) Mens Sana.

BERTIN, G. (2005) Un imaginaire de la pulsation, lecture de W Reich, PU de Laval.

CASTELLS, M. (1999) Fin de Millénaire, in L'ère de l'information. Vol.3. Blackwell P. Fayard, Paris.

CASTELLS, M. (2002) La Galaxie Internet. Fayard, Paris.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1991) Qu'est-ce que la philosophie? Les Éditions de Minuit, Paris.

DURAND, G. (1985) Les structures anthropologiques de l'Imaginaire. Dunod, Paris.

ENGELHARD P. (2012) Internet change-t-il vraiment nos sociétés? (t. 1-3). L'Harmattan, Paris.

FERGUSON, M. (1986) Les enfants du Verseau, Calmann Levy., Paris.

FERREUX, M. J. (2000) Le Nouvel Age, ritualités et mythologie contemporaines, L'Harmattan, Paris.

KEMP, D. (2004) New Age, a guide, spiritualités alternatives depuis la conspiration du Verseau jusqu'au Nouvel Age-American Behavioral Scientist Sage Publications, Edinburgh University Press.

L'INTERNATIONALE DE L'IMAGINAIRE (2008) Jean Duvignaud, Ed. Babel, MGM.

LAPIERRA, N. (2000); “De Georg Simmel à Sigfried Kracauer” In : Communications, n°70.

MAFFESOLI, M. (1997) Du nomadisme, vagabondages initiatiques, Paris, LGE.

\_\_\_\_\_ (1988) Le temps des tribus - le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse, Paris, Méridiens Klincksieck.

MORIN, E. (1986) La Méthode. Tomes 1 à 4 : La connaissance de la connaissance, Paris, Fayard.

\_\_\_\_\_ . (2002) “Une mondialisation plurielle”. Le Monde, Paris, le 25 mars 2002.

PESQUEUX, Y. (2012) L'utopie d'un modèle de l'organisation innovatrice et durable, in actes du colloque Figures de l'Utopie, Université d'Angers.

PLET-NICOLAS, F. “Médiéval marginal ? L'imaginaire du Moyen Age aujourd'hui (XIX-XXIe s.)”, Université de Bordeaux 3.

SIMMEL G. (1989) L'Aventure in Philosophie de la Modernité, Paris, Payot.

STANGI, A. (2011) La Nature artificielle de l'Homme, in Technomagies, Les cahiers européens de l'Imaginaire, Février. N° 3, CNRS éditions.

STARHAWK, P. (1997) London, The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess, San Francisco: Harper and Row.

TIRIKI, F. (2011) “Quelle pensée? Arguments, Inventions, Transgressions” revue Prétentaine, n° 27-28.

VAN SAYEK, P. (2011) “Transgressions: binaries revisited”, In Nationalism and social imaginary: negotiation of social signification. Doutorado em Estudos transculturais, Université Jean Moulin, Lyon.

WATZLAWICK, P. et al. (1972) Une logique de la communication, Paris, Le Seuil.

WELSCH, W. (1999) Spaces of Culture: City, Nation, World, ed. by Mike Featherstone and Scott Lash, London, Sage.

#### Outras publicações do autor:

BERTIN, G. (2014) La société transculturelle. Paris, Edilivre.

BERTIN, G. (2014) “Actualité du sacré”. In: Esprit critique, vol.19.

BERTIN, G. (2014) La tribu du lâcher prise, figures mythes et symboles du chemin de Compostelle. Editions du Cosmogone, Lyon.

BERTIN, G. (2011) “Le New Age, entre marges et marché” In: Esprit critique, vol. 14.

BERTIN, G. (2010) De la quête du Saint Graal au Nouvel Age, Paris Vega.

## TERRITÓRIO DO MITO, *UN SINGE EN HIVER* OU A TELA COLONIZADA PELAS DIVINDADES E OS CULTOS

---

*Territory of Myth, Un singe en hiver or the Colonized Screen by Deities and Cults.*

*Territorio del mito. Un mono en invierno o la pantalla colonizada por deidades y cultos*

---

### **Lorine Bost**

Professor de Letras modernas Doutor em literatura e poética  
comparadas Paris Ouest-Nanterre la Défense (qual. CNU)

CPGE Angers.

E-mail: [lorine.bost@gmail.com](mailto:lorine.bost@gmail.com)

---

### **Resumo**

O presente artigo faz uma leitura do sub-texto da narrativa fílmica e literária de *Un singe en hiver*. Abordamos a presença em filigrana do mito de Donísio e como seus atributos se manifestam na narrativa do filme e do romance, sobretudo no valor da embriaguês como veículo para uma viagem ao mundo dos mortos. Veremos como, em narrativas cinematográficas como a que tomamos como exemplo, a mitologia nos toca na maior parte do tempo sem que possamos dizer por quê.

**Palavras-chave:** *Un singe en hiver*. Mito. Dionísio. Cinema. Viagem

### **Abstract**

This paper is a reading of the subtext in both filmic and literary narrative of *Un singe en hiver*. We focus in the filigree presence of the myth of Dionisus and how his attributes are manifested throughout romance and filmic narrative, especially the value of drunkenness as a passage for a journey to the world of death. We will verify how mitology can affect us beyond our comprehension.

**Key words:** *Un singe en hiver*. Myth. Dionisus. Cinema. Journey.

### **Resumen**

El presente artículo hace una lectura del sub-texto de la narrativa fílmica y literaria de *Un singe en hiver*. Abordamos la presencia en filigrana del mito de Donísio y como sus atributos se manifiestan en la narrativa de la película y del romance, sobre todo en el valor de la embriaguez como vehículo para un viaje al mundo de los muertos. Veremos como, en narrativas cinematográficas como a que tomamos como ejemplo, la mitología nos toca en la mayor parte del tiempo sin poder decir por qué.

**Palabras-clave:** *Un singe en hiver*. Mito. Dionísio. Cine. Territorio.